

## ESTAÇÃO PALEOLÍTICA DO CERRO (MADALENA, VILA NOVA DE GAIA)

Por Sérgio E. Monteiro-Rodrigues\*  
João Pedro Cunha-Ribeiro\*\*

### 1 — Introdução

A Estação Paleolítica do Cerro situa-se no lugar do Cerro, no litoral da Freguesia da Madalena do Concelho de Vila Nova de Gaia, no Distrito do Porto. Em termos cartográficos, insere-se na área abrangida pela folha 122 (Porto) da Carta Militar de Portugal na escala 1/25000 (fig. 1) e na folha 13-A (Espinho) da Carta Geológica de Portugal na escala de 1/50000, a uma altitude de 30 m. As coordenadas UTM são as seguintes:

29 TNF 297 513

A existência de vestígios atribuíveis ao homem paleolítico foi há muito assinalada no Concelho de Vila Nova de Gaia. Arqueólogos de nomeada, como Russell Cortez e D. Domingos de Pinho Brandão, deixaram-nos diversas descrições de algumas dessas descobertas numa bibliografia dispersa por revistas da especialidade<sup>1</sup>.

---

\* Licenciado em História (Variante de Arqueologia) pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

\*\* Bolseiro do I.N.I.C. Assistente de Arqueologia e Pré-história da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

<sup>1</sup> CORTEZ, Fernando Russell — *Estaciones paleolíticas de los alrededores de Oporto (Lavadores, Pasteleira)*, in «*Archivo Español de Arqueología*», n.º 64, Madrid.

Sabemos assim que estes vestígios eram quase sempre constituídos por objectos talhados a partir de seixos rolados de quartzite e quartzo, encontrados na maior parte das vezes isoladamente e à superfície, em locais próximos do litoral, normalmente nas imediações de depósitos geológicos detríticos do Quaternário<sup>2</sup>.

Algumas dessas descobertas, pelas suas características técnicas e tipológicas, foram consideradas relativamente recentes, tendo sido mesmo relacionadas frequentemente, pelos autores atrás citados, com um período cronológico e cultural pós-paleolítico.

Porém, muitas delas evidenciavam características susceptíveis de permitirem a sua associação às chamadas indústrias acheulenses, típicas do paleolítico inferior. Constituía, conseqüentemente, dos mais antigos testemunhos da presença do homem no território nacional e concretamente na área do Concelho de Vila Nova de Gaia.

Recentemente, procurando aumentar a validade das reduzidas amostras anteriormente recolhidas, bem como melhor aferir as respectivas condições de jazida, por forma a tentar estabelecer o seu correcto balizamento cronológico-cultural, tem-se vindo a desenvolver novas prospecções na região<sup>3</sup>. Tais trabalhos incidiram em particular nas zonas das freguesias de Madalena e Valadares e conduziram já à recolha de centenas de artefactos talhados. Em numerosos casos foi mesmo possível definir a sua associação a um contexto estratigráfico mais ou menos preciso.

Entre os diversos achados realizados, desde logo se destacou a descoberta, em 1988, por um dos autores (S.E.M. Rodrigues), de várias dezenas de objectos líticos no lugar do Cerro. Não só o seu número revelava uma assinalável concentração de vestígios, como também a sua presença podia ser relacionada com uma pequena cascalheira parcialmente destruída pela abertura de um estrada.

O facto de para o local das descobertas estar prevista a construção

1946, pp. 249-256 e BRANDÃO, D. Domingos de Pinho — *Novos elementos arqueológicos de Lavadores — Gaia. Breve nótula*, in «Lucerna», Vol. II, N.º 1-2, Porto, 1962, pp. 79-81.

<sup>2</sup> TEIXEIRA, C., PERDIGÃO, J. e TORRE ASSUNÇÃO, C. — *Notícia explicativa da Carta Geológica de Portugal na escala de 1/50000. Folha 13A (Espinho)*. Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa, 1962, p. 28, ZBYSZEWSKI, Georges — *Le Quaternaire du Portugal*, «Boletim da Sociedade Geológica de Portugal», Vol. XIII, fasc. 1-2, Lisboa, 1958, pp. 3-227 e ZBYSZEWSKI, G. — *Notícia explicativa da Carta Geológica do Quaternário de Portugal na escala de 1/1000000*, Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa, 1971, p. 39.

<sup>3</sup> Trata-se de um projecto de trabalho que tem vindo a ser desenvolvido desde 1987 por um dos autores (S. E. M. Rodrigues).

de um parque de campismo, desde logo tornou premente a realização de sondagens que permitissem avaliar a sua real importância arqueológica. Embora a área intervencionada em Julho de 1989 se reduzisse a uma pequena superfície (6 m<sup>2</sup>), os resultados obtidos apontaram para uma riqueza relativamente elevada do espólio, não obstante o respectivo contexto geológico se mostrasse, por outro lado, de difícil interpretação.

O rápido avanço da obra do parque de campismo, compreendendo o alargamento da estrada que do local se dirige para a praia da Madalena, tornou porém necessário o desenvolvimento de uma segunda campanha de escavações. Estes novos trabalhos foram realizados entre Outubro e Novembro desse mesmo ano, já que as referidas obras implicavam a destruição de toda a zona a sul das sondagens anteriormente abertas.

Com esta intervenção de emergência pretendíamos completar o conhecimento da estratigrafia da jazida com a análise do desenvolvimento das várias formações geológicas nesse sector, avaliando paralelamente as dimensões da concentração de materiais líticos talhados detectados no decurso da primeira escavação. Embora tenhamos conseguido responder a algumas questões que havíamos colocado no início dos trabalhos, muito ficou ainda por esclarecer, sendo por isso de considerar grande parte das conclusões ora apresentadas como uma primeira tentativa de interpretação, susceptíveis de virem a ser confirmadas ou não com a realização de futuras investigações.

## 2 — Quadro geomorfológico e geológico da região

O quadro geomorfológico da região onde se insere o local estudado caracteriza-se pela existência de um *relevo marginal*<sup>4</sup>, cuja altitude máxima não ultrapassa os 250 m, e que se desenvolve perpendicularmente ao vale do rio Douro, a cerca de 1 km da actual linha de costa.

A ele sucede-se, para oeste, a plataforma litoral, sobre a qual assentam depósitos de antigas praias que se estendem escalonados até ao sopé do referido relevo. Constituem, deste modo, testemunhos da oscilação do mar e da crusta terrestre ao longo do plio-pleistocénico.

---

<sup>4</sup> ARAÚJO, M. Assunção — *Linhas gerais de uma nova metodologia do estudo do litoral. Exemplo da plataforma litoral da região do Porto*, in «Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto — Geografia», I Série, Vol. I, Porto, 1985, pp. 75-85, e ARAÚJO, M. Assunção — *O estudo do litoral Norte de Portugal (Região do Porto)*, *Alguns problemas metodológicos*, in «Actas da 1.ª Reunião do Quaternário Ibérico», Centro de Estudos Geográficos, Vol. I, Lisboa, 1985, pp. 269-279.

Sobre eles, ou em contacto directo com o substrato rochoso, existem frequentemente várias formações de cobertura, dunares e coluvionares, tendo-se estas últimas mostrado recentemente bastante ricas do ponto de vista arqueológico. Aliás, é precisamente numa destas formações que está implantada a Estação Paleolítica do Cerro.

Perpendicularmente a estes terrenos de origem sedimentar, surgem pequenos vales onde correm ribeiros no sentido E/W. Em alguns deles é possível verificar a existência de depósitos aluvionares actuais geralmente aproveitados para trabalhos agrícolas, bem como de formações de génese similar mas mais antigas, posicionadas a cotas relativamente superiores.

Sob estas formações encontramos as rochas do complexo xisto-grauváquico ante-ordovícico, e as séries metamórficas derivadas, representadas por uma grande variedade de xistos, conglomerados, migmatitos, gneisses, micaxistos, etc. À medida que avançamos para o interior começam a surgir os granitos intrusivos, que originaram o *relevo marginal*.

### 3 — Intervenção arqueológica

A primeira campanha de escavação consistiu na abertura de três sondagens de 2 m de comprimento por 1 m de largura, integradas no sector A, localizado junto de um pequeno corte numa cascalheira onde se haviam encontrado vários objectos líticos talhados (Fig. 2)<sup>5</sup>. Pretendíamos assim definir de forma precisa o seu contexto estratigráfico e, paralelamente, determinar a estruturação dos depósitos detriticos em profundidade. No entanto, a constante discontinuidade dos estratos, bem como os claros indícios de remeximento do terreno, impediram uma visão de conjunto das principais unidades sedimentares e dificultaram o seu relacionamento.

A segunda fase dos trabalhos de campo foi determinada pela eminência de destruição duma vasta área da estação arqueológica devido às obras de construção do futuro parque de campismo da Madalena<sup>6</sup>. Foram então abertas duas sondagens de 2 m por 1 m, separadas entre si pelo espaço de 2 m (sector B). A partir da sondagem mais próxima da área

---

<sup>5</sup> Estes trabalhos foram superiormente autorizados e financiados pelo Instituto Português do Património Cultural, tendo neles participado diversos estudantes de Arqueologia e História da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

<sup>6</sup> Esta nova campanha foi realizada com carácter de urgência e o apoio do Serviço Regional de Arqueologia da Zona Centro, tendo nela participado a Dr.<sup>a</sup> Ana Maria Leite da Cunha, Técnica Superior da referida Instituição. A Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia cedeu uma pequena equipa de trabalhadores e comprometeu-se a financiar os trabalhos.

intervencionada durante a 1.<sup>a</sup> campanha de trabalhos, estabeleceu-se um eixo perpendicular no sentido NE/SW, ao longo do qual se abriu uma vala de 10 m de comprimento por 1 m de largura. Por último, escavou-se ainda uma outra sondagem a NNW da vala de grandes dimensões (Fig. 2).

Com esta disposição das sondagens procurámos avaliar o desenvolvimento estratigráfico das formações detectadas no decurso da campanha anterior, definindo ao mesmo tempo a extensão da jazida e a real dimensão da concentração dos materiais talhados neste sector meridional. Se bem que boa parte das questões levantadas não tenham ficado totalmente esclarecidas, conseguiu-se contudo confirmar algumas das hipóteses inicialmente avançadas.

### 3.1 — Descrição estratigráfica das sondagens do sector A (Fig. 3)

*Camada 1* — Camada superficial rica em substâncias orgânicas com uma espessura que varia entre os 25 e os 40 cm. Integra alguns seixos e areões dispersos de pequeno calibre. Em alguns locais existe um sedimento fino de cor castanha, semelhante ao da parte superior da camada 3. A diversidade dos elementos componentes deste depósito, bem como a ausência de qualquer estrutura sedimentar organizada, deve-se a fenómenos de bioturbação em curso.

*Camada 2* — Coluvião constituído essencialmente por seixos rolados de morfologia marinha com calibre médio. Alguns apresentam um elevado grau de alteração. Noutros casos surgem com fracturas que evidenciam um intenso rolamento, o que nos levou a crer que tais acidentes ocorreram antes da formação da camada. Constatámos aqui a quase inexistência de matriz. Ela resume-se a um sedimento arenoso muito fino, composto em grande parte por grãos de quartzo arredondados e foscos, que envolve de forma descontínua os elementos mais grosseiros, não lhes conferindo qualquer compactação. Numa das sondagens (M5/N5) esta camada é constituída principalmente por grandes blocos de quartzo filoneano muito angulosos, provavelmente provenientes da alteração e desagregação do granito do substrato. Estes materiais estão aí inseridos numa matriz limo-argilosa de cor castanha, semelhante aquela que também se encontra em alguns locais na camada 1. A selecção entre estas duas fácies do depósito só poderá tornar-se mais compreensível com o decurso de novos trabalhos no local. No seu todo a espessura desta camada varia entre os 40 e os 55 cm.

*Camada 3* — Coluvião limo-argiloso de cor castanha, apresenta-se muito compactado. Tem uma espessura algo variável, pois atinge os 70 cm em alguns locais, chegando a estar ausente noutros. Nele integram-se de forma não organizada raros areões e pequenos seixos eolizados. Na

sua base adquire, contudo, uma constituição mais grosseira e uma coloração castanho-avermelhada.

*Camada 4* — Coluvião constituído por seixos integrados numa matriz areno-argilosa idêntica à da base da camada 3. É porém ligeiramente mais avermelhada, principalmente nas zonas em que entra em contacto com o substrato rochoso. A sua espessura situa-se entre os 50 e 60 cm. À medida que nos aproximamos da rocha de base surgem algumas bolsas de areia amarelada que possuem seixos agregados por uma matriz bem compactada.

*Substrato* — Granito porfiróide, fortemente alterado devido à desagregação dos cristais de feldspato. A sua configuração mais ou menos aplanada sugere tratar-se de uma antiga plataforma de abrasão marinha.

### 3.2 — *Descrição estratigráfica das sondagens do sector B (Fig. 4)*

*Camada 1* — Corresponde a um solo actual, cuja elevada densidade de raízes, em boa parte apodrecidas, lhe confere uma tonalidade escura. A matriz é areno-argilosa, com alguns areões e seixos de pequenas dimensões. Trata-se portanto de uma camada análoga a encontrada no sector A.

*Camada 2* — Coluvião formado quase exclusivamente por seixos, dispostos numa série de pequenos leitos encaixados na camada 3. Pela sua distribuição aleatória somos levados a concluir que na sua origem esteve uma violenta deposição. Em abono desta hipótese verifica-se também a quase inexistência de matriz fina, tal como na camada 2 do outro sector.

*Camada 3* — Camada de origem coluvionar constituída por um sedimento limo-argiloso de cor castanha escura e menos arenoso que o da camada seguinte. A sua espessura varia entre 10 e 70 cm. Raramente possui elementos grosseiros, apenas presentes com maior frequência nas zonas de contacto com a camada inferior ou superior. No seu topo verificamos a presença pontual de pequenas bolsas com um perfil côncavo e formadas por areias e areões sem qualquer compactação, possivelmente decorrentes de uma erosão causada pelo escoamento de águas. Esta camada foi relacionada com a camada 3 do sector A.

*Camada 4* — Coluvião com uma espessura muito variável, pois se em alguns locais se resume a poucos cm, noutros chega a atingir os 60 cm. Os elementos que o compõem consistem em alguns seixos inseridos numa matriz areno-argilosa, areia esta retomada da camada inferior, com uma coloração avermelhada e relativamente compactada. A disposição dos seixos, bem como de alguns materiais talhados aí descobertos, quando observada no corte apresenta uma certa horizontalidade. Este

coluvião encontra-se contudo muito ravinado e destruído pela camada superior, facto esse atribuível de novo à acção de fenómenos erosivos.

*Camada 5* — Constituída exclusivamente por areias de cor amarelada, apresentando uma fraca compactação. Do ponto de vista granulométrico são mais finas do que as da matriz do depósito marinho inferior. Morfologicamente, os grãos apresentam-se foscos e arredondados. Excepcionalmente surgem alguns elementos mais grosseiros, como é o caso de blocos de quartzo filoneano eolizados. Consideramos esta camada, com uma espessura que varia entre os 40 e os 20 cm, restos de uma cobertura dunar.

*Camada 6* — Nível marinho com uma espessura entre 1 m e 50 cm, constituído por seixos rolados envoltos numa matriz arenosa grosseira de cor amarelada, com algumas manchas ferruginosas avermelhadas na base. Os seixos evidenciam uma litagem bem desenvolvida, ainda que no topo do depósito se encontrem ligeiramente levantados.

*Substrato* — Como no sector A, também aqui o granito se apresenta em adiantado estado de alteração. Do mesmo modo evidencia características morfológicas que nos permitem visualizá-lo como testemunho de uma plataforma de abrasão marinha. A sua cota é de cerca de 28 m face ao nível actual das águas do mar.

### 3.3 — *Interpretação dos dados estratigráficos*

Parece-nos evidente a existência de uma plataforma de abrasão marinha sobre a qual se conservaram sedimentos após uma fase regressiva. No entanto a espessura de tais sedimentos terá variado devido às irregularidades topográficas do substrato granítico, nomeadamente entre o sector B e o sector A. Neste último a rocha de base encontra-se a uma cota mais alta, formando aparentemente uma elevação relativamente proeminente, o que terá ocasionado localmente a redução da potência destes sedimentos. Deste modo, após a ocorrência de fenómenos erosivos, grande parte do depósito marinho terá sido aqui destruído.

Posteriormente, sobre esta praia fóssil formou-se uma cobertura dunar que não só foi detectada na área de intervenção arqueológica, como também em alguns cortes estratigráficos existentes nas imediações. Pelo estado físico das areias (grau de arredondamento elevado e grãos de quartzo foscos), pensamos que esta camada sofreu acções de eolização relativamente elevadas.

A camada 4 corresponde a um depósito coluvionar que no sector B assenta sobre a camada atrás referida, enquanto que no sector A está em contacto com o granito do substrato. Porém, é possível constatar que em certos locais a sua base torna-se bastante arenosa e compacta, existindo

pontualmente pequenos seixos horizontalizados. Os sedimentos com estas características poderão assim corresponder aos restos do depósito marinho entretanto destruído, devido a diversas acções erosivas, entre as quais se destaca a própria deposição da camada 4 e posteriores remeximentos. Em todo o caso este coluvião parece ter tido uma deposição lenta, que não só possibilitou uma certa organização dos sedimentos seus constituintes, como também evitou a sua dispersão. Este aspecto é mais nítido no sector B que no A.

Em seguida pensamos que houve um novo fenómeno erosivo, agora responsável pela redução deste depósito a uma escassa espessura no sector B. Quanto ao que ocorreu paralelamente no sector A, só com a realização de novos trabalhos poderemos responder com mais precisão. No entanto pensamos terem aí havido fenómenos que levaram a um revolvimento desta formação, o que é sugerido pela mistura de diferentes tipos de materiais líticos talhados com diferentes estádios de alteração física. Este aspecto será aliás desenvolvido mais à frente.

Também de origem coluvionar, um outro depósito (camada 3), constituído principalmente por um sedimento argiloso, sobrepõem-se à camada 4. Não é porém homogéneo, pois à medida que nos aproximamos da sua base ganha um aspecto mais arenoso, o que indica terem sido retomados materiais detríticos da camada inferior, que no entanto se restringem aos de fraca granulometria. A sua deposição também contribuiu em parte para a erosão da camada anterior, chegando mesmo a suprimi-la em alguns locais, onde entra em contacto com o nível dunar.

Finalmente, encontramos uma camada exclusivamente constituída por elementos grosseiros. A sua deposição sugere a existência de paleo-canais encaixados na camada 3, preenchidos quase unicamente por seixos rolados sem qualquer organização. A ocorrência deste fenómeno resultou aparentemente duma deposição violenta, em que a matriz arenosa que os envolvia foi suprimida na sua quase totalidade. Quanto à sua génese, pensamos tratarem-se de materiais provenientes de depósitos marinhos e coluvionares destruídos, originalmente implantados a uma cota mais elevada.

### 3.4 — *Distribuição estratigráfica dos materiais líticos talhados*

#### ***Sondagens do sector A***

*Camada 1* — Foram aqui encontrados vários objectos talhados, possivelmente provenientes das camadas mais profundas, cuja deslocação poderá ser imputada a fenómenos de bioturbação.



*Camada 2* — A indústria lítica recolhida nesta camada comporta bifaces, triedros, seixos talhados, núcleos e lascas (transformadas ou não). O estado físico destes materiais é muito diversificado, existindo quer objectos frescos, quer outros claramente boleados. Estes últimos, em maior número, possuem em muitos casos a matéria-prima que lhes serviu de suporte alterada.

*Camada 3* — Esta camada é arqueologicamente estéril.

*Camada 4* — Trata-se do depósito que apresenta uma maior quantidade e diversidade de tipos de artefactos, possuindo igualmente diferentes graus de alteração física. Em função deste último critério é possível agrupá-los em três conjuntos distintos:

a) artefactos não boleados e sem alteração da rocha, pontualmente com alguma eolização (bifaces, «hachereaux», triedros, seixos talhados, lascas, núcleos e utensílios de tipo «pico asturiense»);

b) peças com alguma alteração da matéria-prima, mas igualmente sem vestígios de boleamento e apenas eolizados nalguns casos (bifaces);

c) artefactos com eolização, com boleamento e com alteração da rocha suporte (bifaces, triedros, seixos talhados, núcleos e utensílios de tipo «pico asturiense»).

### ***Sondagens do sector B***

*Camada 1* — Como aconteceu no sector A, os materiais aqui recolhidos são de diversos tipos e a sua presença está inequivocamente relacionada com fenómenos de remeximento.

*Camada 2* — Situação semelhante à da camada 2 do outro sector.

*Camada 3* — Foram aqui encontrados unicamente três objectos talhados.

*Camada 4* — Os utensílios relacionados com esta camada apresentam alguma diversidade tipológica e semelhanças significativas no que se refere ao seu estado físico. Eles consistem em bifaces, «hachereaux», triedros, seixos talhados, núcleos e lascas, frescos e sem alteração da matéria-prima. Pontualmente existem alguns objectos em que a alteração está patente, bem como uma ligeira eolização. Com eolização, boleamento e alteração da rocha existe apenas uma lasca.

*Camada 5* — Foi somente aqui recolhido um objecto lítico talhado (núcleo), ligeiramente eolizado, que pensamos proceder da camada anterior. Assim, esta camada, do mesmo modo que a camada 3, é arqueologicamente estéril.

*Camada 6* — Também no depósito marinho não foi encontrado qualquer vestígio de utensilagem lítica talhada.

### 3.5 — *Interpretação da disposição estratigráfica das indústrias líticas*

Após a apresentação dos dados sobre a estratigrafia, inferidos dos trabalhos de campo, pensamos ser possível lançar desde já algumas hipóteses interpretativas sobre a distribuição estratigráfica das indústrias recolhidas.

Aparentemente a camada 4 é aquela que está directamente relacionada com os materiais de tipo acheulense, facto que é corroborado pela quase total ausência de eolização e boleamento nos artefactos aí detectados, bem como pela sua relativa concentração e posicionamento horizontal no interior do depósito. No entanto, perante alguns utensílios, nomeadamente bifaces, que apresentam uma certa alteração da matéria-prima, sem que possuam qualquer tipo de desgaste ou pátina, levantamos a hipótese de existir um grupo de artefactos cronologicamente mais antigo.

Como já referimos, esta camada sofreu posteriormente acções erosivas responsáveis pela redução da sua espessura e pela mistura de diferentes indústrias. Este remeximento não é contudo generalizado. Ele verifica-se exclusivamente no sector A, onde recolhemos uma indústria com bifaces e «hachereaux», conjuntamente com utensílios de tipo «pico asturiense», que apresentava no seu conjunto diferentes estados físicos.

Deste modo, os materiais acheulenses frescos, com ou sem alteração da matéria-prima, associados originalmente à camada 4, vão adquirir no decurso deste processo de erosão e consequente remeximento uma nítida eolização e mesmo algum boleamento. Há porém alguns objectos que se mantêm com o estado físico original, facto que pode dever-se a uma erosão diferenciada que permitiu a preservação da camada 4 inicial em algumas depressões existentes na rocha de base.

Quanto à indústria com «picos», não nos é ainda possível apresentar qualquer conclusão definitiva dado o desconhecimento do seu contexto primário e o reduzido número de artefactos deste tipo até agora encontrados. Contudo, em função do elevado grau de boleamento que a maioria destes objectos apresenta, cremos terem sofrido a acção dos agentes erosivos durante um longo período de tempo, antes de terem sido integrados no depósito.

Dada a ausência deste tipo de utensílios na camada superior, e em função das conclusões tiradas a partir do seu grau de alteração física, pensamos ser possível colocá-los crono-estratigraficamente num momento posterior à formação da camada 4 e anterior à deposição da camada 3 que imediatamente se segue.

Embora em número mais restrito, encontramos aqui alguns «picos» cujo boleamento é praticamente nulo, o que pode indicar que após o seu

abandono terão sido rapidamente soterrados pelo remeximento ocorrido no local.

Na camada 3, apesar de terem sido encontrados três objectos líticos que não apresentam qualquer indício de boleamento, temos dúvidas quanto à existência duma indústria a ela associável. Para já preferimos justificar a sua presença neste depósito como resultante de um remeximento de origem vegetal ou mesmo antrópica. Aliás, em alguns locais onde esta camada aflora à superfície, foram detectados no decurso da escavação fragmentos de cerâmica pré-histórica e mesmo actual.

A camada que topograficamente se segue é a camada 2. Também aqui não nos é possível ainda definir se estamos perante uma ou mais indústrias líticas. A grande diversidade de estados de alteração da matéria-prima e o boleamento evidenciado pelos materiais talhados apenas possibilita concluir que estes estiveram sujeitos a processos erosivos diferenciados, e que, à partida, provêm da destruição de depósitos sedimentares existentes em locais mais elevados. Em abono desta hipótese é de destacar o facto de muitos deles apresentarem fracturas que podem ter ocorrido no decurso de um transporte e deposição violentos, como havíamos referido anteriormente.

Pelo facto de até ao momento não termos encontrado nesta camada utensílios de tipo «pico asturiense», julgamos ser possível admitir que esses velhos depósitos teriam exclusivamente indústrias acheulenses, dado que os bifaces são um dos tipos que aqui nos surgem com maior frequência.

#### 4 — Estudo sumário das indústrias líticas

Até ao momento recolhemos na área da Estação Paleolítica do Cerro cerca de 236 objectos líticos talhados, dos quais 73 provêm da superfície, enquanto os restantes (163) foram recolhidos durante os trabalhos de escavação<sup>7</sup>.

Em termos tipológicos e técnicos distribuem-se pelos seguintes grupos:

Bifaces = 43 (18%)  
«Hachereaux» = 2 (0,8%)  
Triedros = 12 (5%)

---

<sup>7</sup> Um estudo mais circunstanciado da indústria da Estação Paleolítica do Cerro será posteriormente apresentado por um dos autores (S.E.M. Rodrigues), no âmbito dos trabalhos de investigação que neste momento desenvolve na região.

Seixos talhados = 16 (7%)  
 Utensílios sobre lasca = 13 (5,5%)  
 Lascas = 69 (29%)  
 Núcleos = 44 (19%)  
 Utensílios de tipo «pico asturiense» = 7 (3%)

Em relação aos bifaces destaca-se desde logo a sua elevada percentagem em relação aos restantes objectos talhados. Os materiais usados com mais frequência como suporte na sua confecção são os seixos rolados predominando os de quartzite face aos de quartzo e grés. Os bifaces de lasca surgem em número muito reduzido. Todos eles evidenciam um talhe produzido por percutor duro. Salvo raras excepções, são objectos com um aspecto fruste, em que a sinuosidade do gume e alguma dissemetria das silhuetas são quase uma constante. Quanto a nós este facto justifica-se pela má qualidade da matéria-prima disponível.

Os «hacheraux», pelo contrário, aparecem representados por uma reduzida percentagem, o que tradicionalmente não é comum neste tipo de indústrias. Uma vez mais pensamos que esta situação pode dever-se às modestas dimensões dos seixos rolados existentes nos depósitos da região, que não possibilitariam a extracção de lascas susceptíveis de serem usadas na produção deste tipo de utensílios. De certo modo, a diminuta quantidade de bifaces sobre lasca recolhidos até ao momento, vai ao encontro desta hipótese. Registe-se ainda que uma das peças corresponde a um «hachereau» de tipo VI, sobre lasca kombewa, enquanto a outra foi talhada numa lasca de descorticagem. Em ambos os retoques de regularização dos bordos foram produzidos por percutor duro.

Quanto aos triedros, como sucede nos restantes artefactos, predomina a utilização dos seixos rolados como suporte e evidenciam no seu todo um talhe obtido por percutor duro. O destaque da extremidade distal é feito quer pela realização de vários levantamentos nas três faces do utensílio, quer pela execução de um primeiro levantamento, a partir do qual de seguida se produzem dois outros tendencialmente convergentes.

Os seixos talhados constituem um grupo de utensílios com um significado percentual mais relevante. Talhados predominantemente em seixos rolados de quartzite, embora com alguns exemplares de quartzo e grés, possuem no conjunto dimensões relativamente reduzidas. São na sua quase totalidade unifaciais e apresentam-se equilibradamente repartidos entre os de gume simples (convexo, côncavo e recto) e os de gume convergente, que formam uma pequena ponta distal.

Elaboradas preferencialmente em quartzite, seguindo-se o grés e o quartzo, as lascas correspondem ao material recolhido em maior abundância. As suas dimensões médias são relativamente reduzidas. No que se refere

aos talões, predominam os cortiçais, seguindo-se os lisos. Estes últimos podem ter sido obtidos quer a partir da utilização do negativo de uma lasca anterior usado como plano de percussão, quer pelo aproveitamento de superfícies de clivagens naturais, que abundam nos seixos locais. Os talões diedros são raros e os facetados estão ausentes. De registar ainda o predomínio das lascas de descorticagem (ou de primeira geração), o que testemunha uma exploração pouco intensa dos núcleos.

Algumas destas lascas foram posteriormente transformadas em utensílios de reduzidas dimensões, entre os quais se podem assinalar alguns raspadores, furadores atípicos e entalhes.

Com uma percentagem elevada, os núcleos da Estação Paleolítica do Cerro, salvo uma única excepção, caracterizam-se pelas suas reduzidas dimensões médias, o que não só corrobora a observação idêntica feita para as lascas, como também está em consonância com o que atrás foi dito em relação à frequência dos «hacheraux». Com efeito, as lascas que a partir deles se obtiveram apenas serviriam para serem utilizadas em bruto ou transformadas em pequenos artefactos. Também aqui o quartzite se revela como a matéria-prima mais importante, seguido do grés e do quartzo, denotando-se nos suportes utilizados a existência de superfícies naturais, corticais ou não, susceptíveis de servirem de planos de percussão.

Por último, é de destacar que os utensílios de tipo «pico asturiense» estão representados no conjunto das peças recolhidas por uma fraca percentagem. Confeccionados exclusivamente a partir de seixos de quartzite, caracterizam-se de um modo geral pelo seu talhe unifacial e relativamente abrupto, formando uma extremidade distal mais ou menos destacada, cuja secção tanto é triangular como trapezoidal.

A presença destes artefactos em associação com uma indústria tipicamente acheulense na Estação Paleolítica do Cerro, só poderá contudo vir a ser devidamente esclarecida com a continuação dos trabalhos arqueológicos aí encetados em 1989.

Aliás, muito embora o presente trabalho não tenha a pretensão de apresentar um estudo exaustivo da indústria lítica já recolhida nesta estação arqueológica, pensamos que os dados coligidos ao longo das duas campanhas de escavação já realizadas tornam premente o prosseguimento das investigações. Não só esta jazida nos surge como um local chave para o conhecimento das primeiras ocupações humanas de toda a região, como o próprio alargamento da área intervencionada, proporcionando a recolha de vestígios quantitativamente mais significativos e uma melhor compreensão da sua estratigrafia, se revela indispensável para confirmar muitas das hipóteses interpretativas aqui adiantadas. Os potenciais danos que podem advir da construção no local do parque de campismo da Madalena, aconselham a maior brevidade possível.

## Bibliografia

ARAÚJO, M. Assunção — *Linhas gerais de uma nova metodologia do estudo do litoral. Exemplo da plataforma litoral da região do Porto*, in «Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto — Geografia», Porto, vol. I, 1985, pp. 75-85.

ARAÚJO, M. Assunção — *O estudo do litoral Norte de Portugal (região do Porto). Alguns problemas metodológicos*, in «Actas da 1.ª Reunião do Quaternário Ibérico», Centro de Estudos Geográficos, Lisboa, vol. I, 1985, pp. 269-279.

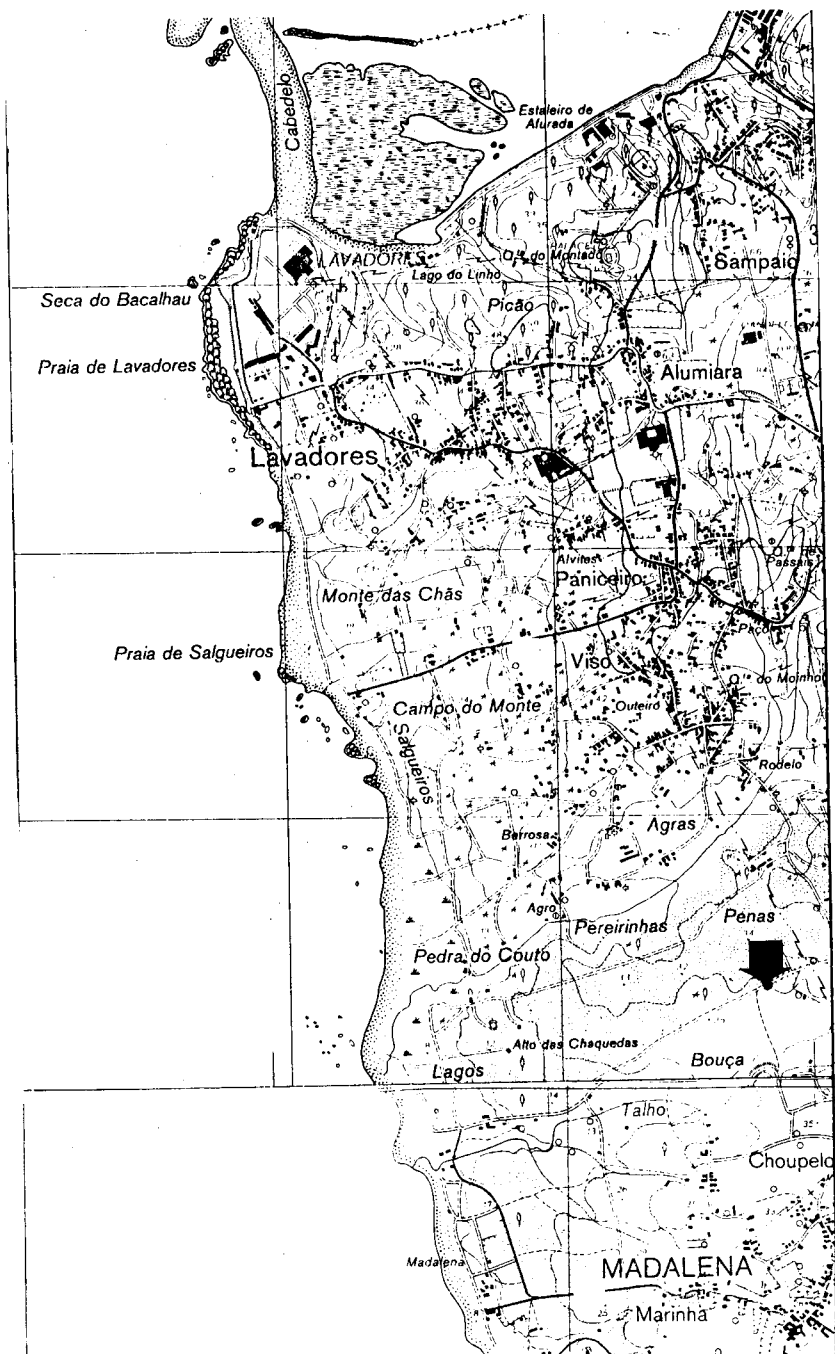
BRANDÃO, D. Domingos de Pinho — *Novos elementos arqueológicos de Lavadores — Gaia. Breve nótula*, in «Lucerna», Porto, vol. II, n.º 1-2, 1962, pp. 79-81.

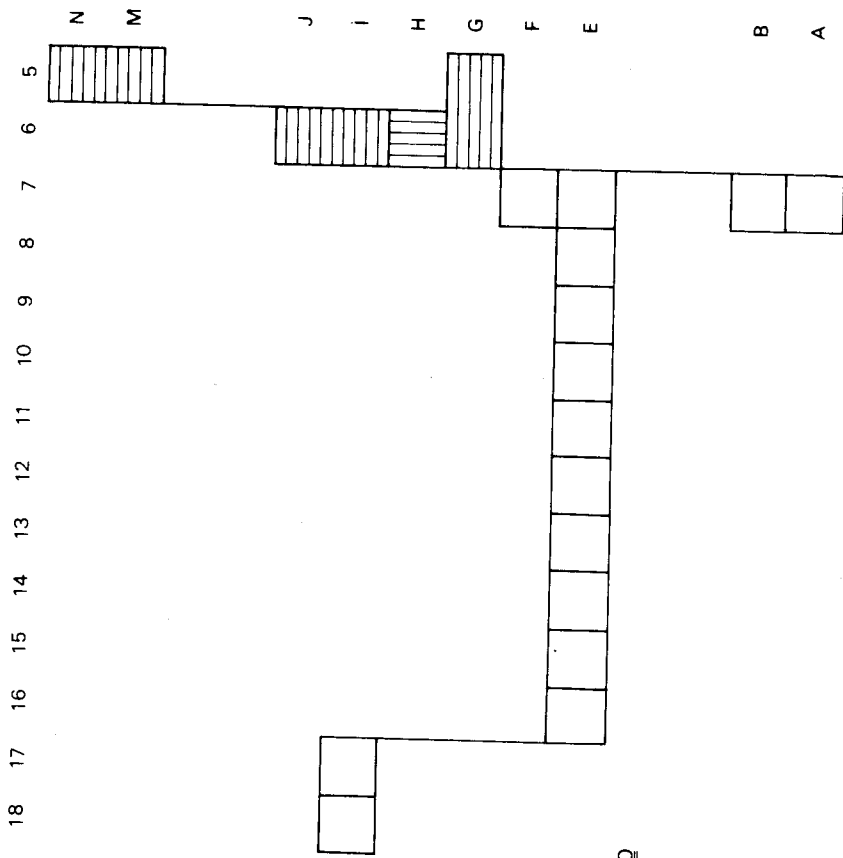
CORTEZ, F. Russell — *Estaciones paleolíticas de los alrededores de Oporto (Lavadores, Pasteleira)*, in «Archivo Espanol de Arqueologia», Madrid, n.º 64, 1946, pp. 249-256.

TEIXEIRA, C.; PERDIGÃO, J.; TORRE ASSUNÇÃO, C. — *Notícia explicativa da Carta Geológica de Portugal na escala de 1/50000*. Folha 13-A (Espinho). Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal, 1962, p. 28.

ZBYSZEWSKI, G. — *Notícia explicativa da Carta Geológica do Quaternário de Portugal na escala de 1/1000000*, Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal, pp. 39.

Idem — *Le Quaternaire du Portugal*, «Boletim da Sociedade Geológica de Portugal», Lisboa, vol. XIII, fasc. 1-2. 1958, pp. 3-227.





(FIG. 2)

PLANTA DA ESCAVAÇÃO

 SECTOR A

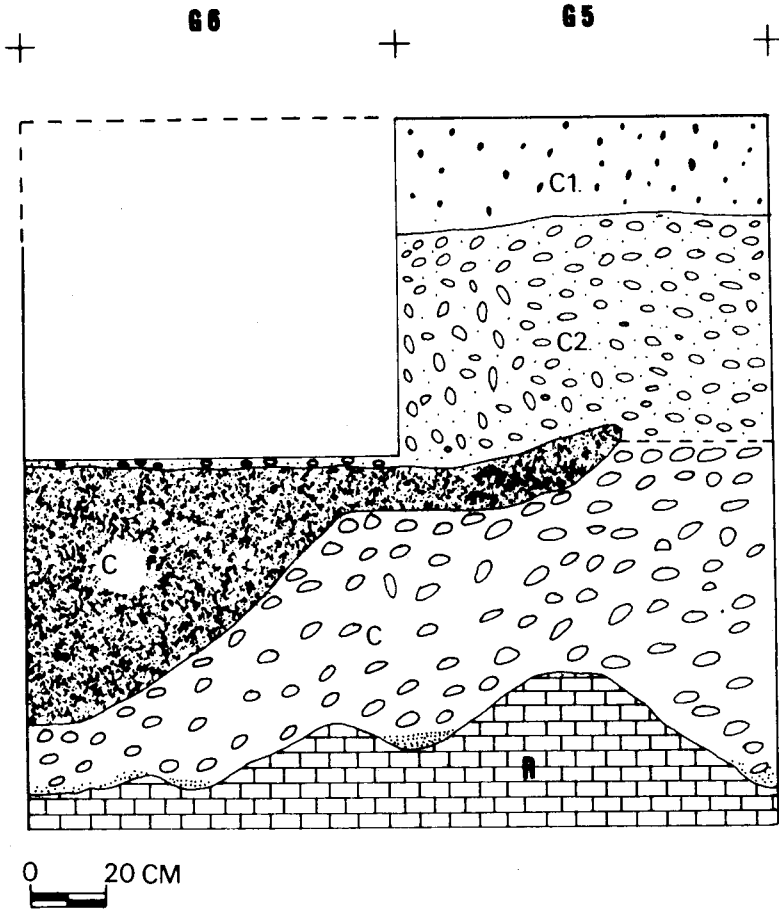
 SECTOR B

 1M



CERRO - CORTE NW

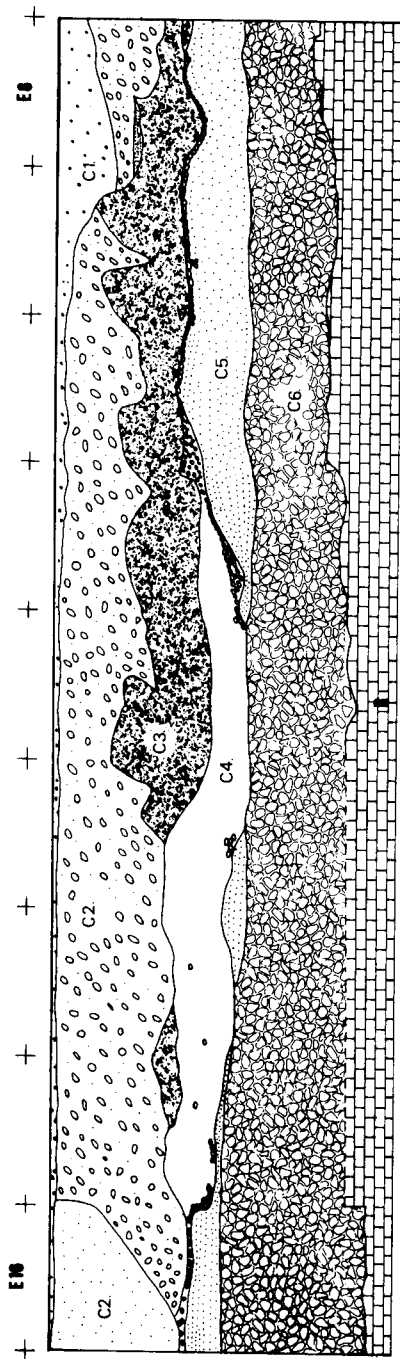
(SECTOR A - 1989)



(FIG.3)

CERRO - CORTE NW

(SECTOR B - 1989)



(FIG 4)